

# O ARQUIVO PESSOAL DO PROFESSOR CATARINENSE ELPÍDIO BARBOSA (1909-1966): DO TRAÇADO MANUAL AO REGISTRO DIGITAL<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66723>

Maria Teresa Santos Cunha

*Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.*



## Resumo

Neste texto apresenta-se e interpretam-se materiais que compõem arquivo pessoal do professor e educador catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966). O arquivo contém documentos oficiais e ordinários - revistas, fotografias escolares, recortes de jornais, legislação sobre ensino e anotações diversas - que permitem mapear e construir aspectos da História da Educação catarinense entre as décadas de 1930 a 1960. A investigação centrou-se no entendimento da ação desse protagonista na formulação de diretrizes educacionais analisadas na perspectiva da História da Educação, em âmbito regional e nacional. Consideram-se, também, diálogos no âmbito dos estudos sobre o patrimônio cultural, pela análise das instâncias que custodiam e caracterizam um arquivo pessoal como um bem cultural.

Palavras-chave: arquivos pessoais, história da educação, patrimônio cultural, Elpídio Barbosa.

## THE PERSONAL ARCHIVE OF CATARINENSE PROFESSOR ELPÍDIO BARBOSA (1909-1966): FROM HAND WRITING TO DIGITAL RECORDS

## Abstract

The present article aims at presenting and interpreting the materials that comprise catarinense professor and educator Elpídio Barbosa's personal archive (1909-1966). His archive is comprised of both official and ordinary documents -magazines, school photographs, press cuts, education legislation and varied notes - thus allowing mapping and constructing aspects of the history of catarinense education between the decades of 1930 and 1960. This investigation is focused on the understanding of this protagonist's role in formulating the educational guidelines analyzed in the perspective of the History of Education in a regional and national level in the aforementioned decades. The article also takes into account dialogues under the light of cultural heritage studies, by means of analyzing the instances that characterize a personal archive as a cultural asset.

Key-words: personal archives, educational history, cultural heritage, Elpídio Barbosa.

<sup>1</sup> Texto originalmente apresentado na reunião da Anped Sul de 2016, UFPR, Curitiba.

**EL ARCHIVO PERSONAL DEL PROFESOR CATARINENSE  
ELPÍDIO BARBOSA (1909-1966): DE LOS RASTROS MANUALES  
PARA EL REGISTRO DIGITAL**

Resumen

Presentar y interpretar los materiales que componen el archivo personal del maestro y educador catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966). La colección contiene recortes de periódicos oficiales y documentos variados como revistas, fotografías - escrituras ordinárias y notas de varias leyes de educación- que le permite conocer y construir aspectos de la historia de la educación de Santa Catarina entre las décadas de 1930 a 1960. La investigación tiene como centro la comprensión de la función y acción de este protagonista en la formulación de políticas educativas revisados desde la perspectiva de la historia de la educación regional y nacional. Considera-se, además, diálogos con los estudios de patrimonio cultural como clave para el análisis de un archivo personal como un objeto cultural.

Palabras-clave: archivos personales, historia de la educación, patrimonio cultural, Elpídio Barbosa.

**L'ARCHIVE PERSONNELLE DU PROFESSEUR ELPIDIO BARBOSA (1909-1966)  
DE SANTA CATARINA: DU PLAN MANUEL A LA NUMERISATION**

Resumé

Présenter et interpréter les documents qui composent l'archive personnelle de l'enseignant et éducateur de Santa Catarina Elpídio Barbosa (1909-1966). L'archive contient des documents officiels et ordinaires - des magazines, des photos d'école, des coupures de journaux, de la législation sur l'éducation et des notes diverses - qui permettent de tracer et de construire les aspects de l'Histoire de l'éducation de Santa Catarina dans les années 1930 à 1960. La recherche se concentre sur la compréhension du rôle / action de ce protagoniste dans la formulation des politiques éducatives analysées dans la perspective de l'Histoire de l'éducation aux niveaux régional et national. On considère aussi l'expression de dialogues dans les principales études sur le patrimoine culturel par l'analyse des organismes qui protègent et disposent d'une collection personnelle comme un atout culturel.

Mots-clé: archives personnelles, histoire de l'éducation, patrimoine culturel, Elpídio Barbosa.

O arquivo não é somente um repositório de documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é construído e produzido [...]. O arquivo está ligado com a escrita que removeu a memória de dentro do ser humano e a tornou fixa e independente dos portadores vivos. (Assmann, 2011, p. 25)

A descoberta e a pesquisa nos arquivos pessoais propiciou ao historiador reflexões por colocarem em cena novos autores, novos objetos e novas fontes. Desde os anos 1970 há, assim, um esforço de reflexão sobre os arquivos pessoais oriundo das propostas dos Analles, da micro-história, da nova história política, dos estudos culturais e da antropologia, que faz emergir uma diferente cultura de pesquisa que se consubstanciou na criação do Conarq em 1990<sup>2</sup>.

A constituição de um arquivo pessoal permite formular interrogações sobre as motivações do processo de produção e acumulação documental, já que o gesto de guardar documentos é atravessado por uma fabricação material e simbólica. Todos nós produzimos arquivos. Guardamos objetos, documentos pessoais e isso parece ser um processo tão natural que sequer se percebe sua existência: guardados na gaveta da mesa de trabalho, em uma pasta no fundo do armário, escondidos no meio de um livro esquecido na estante, entre tantos outros lugares. É também importante sublinhar quais são as configurações destes acervos pessoais, decorrentes do seu deslocamento para o espaço público. Por que estes objetos foram guardados? Quais as condições e motivações que permearam a doação para um arquivo público? Como se caracteriza essa instituição? Como esses objetos foram dispostos e organizados para uma posterior consulta?

A aparente mudez desses documentos nos conduz a um mundo pretérito, dotado da tessitura de tramas cotidianas e da produção de significados, numa mediação entre passado e presente. Uma realidade passada torna-se acessível, uma vez que documentos pessoais, ordinários, podem ser considerados vestígios de sensibilidades circunscritas num tempo e espaço. Ao contemplá-los e percebê-los como objetos de memória o exercício da reflexão propicia a elaboração de perguntas sobre as circunstâncias históricas de produção e de consumo desses, em geral, suportes da cultura escrita, como a produção de significados pelos sujeitos que os produziram, “significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação” (Abreu, 1996, p. 28).

Segundo os estudos especializados (Belloto, 2006) são considerados como arquivos pessoais os conjuntos de papéis e de material audiovisual ou iconográfico reunidos no decurso da vida de uma pessoa. A autora reafirma que constituir um arquivo pessoal é concernente à sociedade grafocêntrica, com o imperativo da escrita na vida dos sujeitos, pois que pela escrita se confere perenidade aos fatos. As práticas da cultura escrita são

<sup>2</sup> O Conselho Nacional de Arquivos - Conarq - é um órgão colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional do Ministério da Justiça, que tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados, bem como exercer orientação normativa com vistas à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo. A Constituição Federal de 1988 e, particularmente, a lei n. 8.159, de 8 de novembro de 1991, dispõem sobre a política nacional de arquivos públicos e privados.

sustentadas pelas escolas e a burocracia civil necessita registrar nossa existência com a gestão e guarda de papéis. Belloto (2006) explica, ainda, que um arquivo pessoal é constituído de dois momentos distintos, cujos usos respondem a diferentes motivações.

O primeiro momento corresponde ao processo de acumulação documental e sua utilização no cotidiano, como uma forma de comprovar a existência civil do sujeito perante as instituições ou um modo de remeter a seus relacionamentos com pessoas. No segundo momento trata-se da preservação, o arquivo pessoal extrapola a finalidade jurídica, profissional ou pessoal do seu titular e seu uso é destinado a pesquisa realizada por terceiros:

O historiador não analisa o documento pelo documento; antes, utiliza-o como ponte para o passado, ou do arquivo para uma realidade. Esta passagem do documento ao passado é um processo decisivo pelo qual cumpre o essencial da elaboração do conhecimento histórico (Belloto, 2006, p. 24)

Os trabalhos de Heymann (1997, 2009 e 2013) sobre o arquivo de Darcy Ribeiro, ajudam a pensar as variadas etapas de um arquivo pessoal bem como a compreender os fundos documentais ou pessoais mais como produtos naturais das trajetórias dos indivíduos do que como produtos de motivações e investimentos pessoais (Heymann, 2013). A autora acentua a necessidade de investigar as singularidades do processo de acumulação documental, processo este que se caracteriza como uma prática dinâmica operada em diferentes temporalidades e que expressa à relação dos titulares com a guarda dos seus papéis ao longo dos anos. Seus apontamentos sugerem a análise do trajeto percorrido pelos documentos, da acumulação documental operada pelo titular a organização do arquivo pelo profissional:

Entre os procedimentos que, hoje, me parecem mais importantes, encontram-se o levantamento da história de cada fundo, o contato com as pessoas envolvidas na acumulação, ordenamento e guarda dos papéis - antes e depois da morte do titular -, bem como o investimento nas intenções, projeções e expectativas depositadas no arquivo por esse último, tanto no momento em que seleciona documentos para serem guardados como depois, ao vislumbrar a possibilidade de atribuir a seu acúmulo documental um valor histórico ou patrimonial. (Heymann, 2009, p. 55)

Na fase de acumulação documental o titular arruma a papelada e os objetos, realizando triagens que são guiadas por intenções sucessivas e distintas, conforme as circunstâncias da vida, como um casamento, o momento de abandonar o teto familiar ou a ocasião da morte de algum familiar, “e quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós” (Artiéres, 1998, p. 10). Após a morte do titular ocorre a interferência dos familiares, que resulta num rearranjo do acervo e, quando os conjuntos documentais são doados a uma instituição que abrigue acervos históricos, outros atores, como historiadores, arquivistas e documentalistas interferem no acervo, organizando-os de um modo que resposta as demandas oriundas da pesquisa histórica (Heymann, 1997).

Essas interferências permitem pensar sobre a suposta trajetória do sujeito, expressa na configuração dos acervos pessoais em instituições públicas, dado que a prática de guardar e preservar documentos é atravessada por sucessivas manipulações e triagens.

O conjunto abundante dessas autobiografias materiais (Calligaris, 1998) acumuladas apontam para sua importância como documentos de pesquisa em áreas do saber acadêmico. Sem dúvida, como aponta Arlette Farge, a “descoberta de um arquivo é um maná que se oferece” (2009, p. 15), maná este composto por fragmentos de memória viva, que se transformam em objetos-relíquias, dotados do poder de recordar amizades e amores (Ranum, 1992) e objetos biográficos, que envelhecem com suas donas ou donos e que representam aventuras afetivas (Bosi, 2003)<sup>3</sup>.

Ao arquivar sua vida o guardador imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo. Os objetos autobiográficos que compõem um arquivo pessoal materializam, assim, uma proposta de leitura associada à imagem que se quis preservar de si mesmo. À constituição da memória material há a intenção de perpetuar-se, de “forjar uma glória” (Ribeiro, 1998, p. 35). Artières (1998) percebe nesse procedimento a produção de subjetividade:

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. [...] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (p. 11)

Considerando que o tempo presente equivaleria ao tempo de uma experiência de vida, ou seja, sinônimo de uma contemporaneidade histórica construída pela presença de testemunhos pessoais e materiais, procura-se preservar os rastros - no caso em estudo, nos arquivos pessoais - para “assegurar aos historiadores os testemunhos de cada geração, o modo de pensar e de atuar de seus elementos quando em sua contemporaneidade” (Bellotto, 2006, p.24). Uma contemporaneidade que assim foi expressa na perspectiva do historiador francês Henry Rousso (2016):

O historiador do tempo presente faz “como se” ele pudesse agarrar na sua marcha o tempo que passa, dar uma pausa na imagem para observar a passagem entre o presente e o passado, desacelerar o afastamento e o esquecimento que espreitam toda experiência humana. [...]. A particularidade da história do tempo presente está em que ela se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está nem acabado, nem encerrado, em que o sujeito da sua narrativa é um “ainda é” (p. 7)

<sup>3</sup> Tomo aqui, por referência, a dissertação de Pâmela Cervelin Grassi (2016) que trabalhou com um arquivo pessoal e foi orientado por mim.

Considerando que nos arquivos pessoais é possível entrever a presença de um passado mais distante pela proximidade com ancestrais de outro tempo (Rouso, 2016) é importante considerar que tais locais de preservação e salvaguarda contribuem para pensar a história do tempo presente escrita entre as demandas memoriais e o compromisso de construção de uma narrativa problematizada pelo historiador.

Assim, preservar, divulgar e criar condições para consulta pública de variados documentos considerados como patrimônios do tempo presente é uma das finalidades do Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas - IDCH<sup>4</sup>. Este Instituto está situado em Florianópolis/SC e busca ser um centro de documentação destinado a desenvolver pesquisas, receber, tratar, armazenar acervos pessoais e institucionais e documentos em diversos suportes, bem como estimular a produção, socialização e estruturação de conhecimento gerado na área de Ciências Humanas.

Em sua estrutura o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências humanas tem por objetivos:

a) constituir-se em um espaço de guarda de documentação e memória científica relativas às pesquisas que tenham por objeto a sociedade contemporânea em seus aspectos histórico, educacional e sócio-ambiental;

b) catalogar, armazenar, tratar, disponibilizar os resultados das pesquisas nos seus diversos suportes e disponibilizá-la ao público em geral;

c) assegurar a interdisciplinaridade necessária para os estudos na área de humanidades;

d) estimular a produção, socialização e estruturação de conhecimento gerado pela comunidade científica da Faed/Udesc e pela comunidade externa;

e) disponibilizar a comunidade acadêmica, redes escolares nos diversos níveis, pesquisadores e interessados, o acesso aos acervos sob a guarda o Instituto.<sup>5</sup>

Para dar alcance a estes objetivos o IDCH, inaugurado no dia 28 de novembro de 2013, abriga, com destaque, o Espaço Eglê Malheiros e Salim Miguel, intelectuais catarinenses que doaram ao IDCH um fundo documental de cerca de 10 mil peças, composto de livros, revistas, recortes de jornais com matérias autorais, todos provenientes da biblioteca particular do casal e disponíveis à consulta pública - em suporte papel e por meio digital - e, no momento, objeto de pesquisas acadêmicas.

De igual maneira, este local de documentação abrange uma série de arquivos, produtos e serviços à comunidade de pesquisadores, os quais se podem citar: a Hemeroteca Digital Catarinense; o arquivo do Serviço Nacional de Informação, que contém os processos dos catarinenses vítimas da ditadura civil-militar; o espaço de documentos da Penitenciária do Estado de Santa Catarina<sup>6</sup> e, especialmente, arquivos pessoais e profissionais de professores/educadores, Márcio Victor Konder (1925-2006)<sup>7</sup>, e o arquivo pessoal do professor Elpídio Barbosa (1909-1966), alvo de estudo mais detalhado neste texto. Assim, higienizar, inventariar, catalogar e descrever o arquivo pessoal e profissional do educador/intelectual e político catarinense Elpídio Barbosa

<sup>4</sup> O Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas - IDCH -, está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Foi criado pela resolução n. 030/2012 - Consuni/Udesc.

<sup>5</sup> Ver a página no endereço: <http://www.faed.udesc.br/?id=1033>

<sup>6</sup> Projeto Arquivos marginais, coordenado pela prof<sup>a</sup> dra. Viviane Trindade Borges da Udesc.

<sup>7</sup> Ver Cunha; Freitas (2015)

(1909-1966), é uma das aproximações que este texto realiza com a finalidade de apresentá-lo como local e fonte de pesquisa. Considerando-o como um patrimônio documental, por ser portador de testemunhos de outros tempos, mais do que uma mera contribuição à escrita da história do tempo presente e da História da Educação, a divulgação e a sua utilização em estudos sobre a História da Educação em Santa Catarina se reveste de importância por ser uma forma de pedagogia indispensável à formação das gerações futuras.

Figura1 -

Prédio que abriga o IDCH/Faed/Udesc - Rua Visconde de Ouro Preto, 547, Florianópolis/SC.



### **O professor Elpídio Barbosa: dados biográficos**

Nascido em 1909 em Florianópolis, Elpídio Barbosa começou sua formação escolar no Colégio Coração de Jesus, onde completou o ensino primário em 1916. Em 1922 foi aceito no Colégio Catarinense, de caráter jesuíta, para cursar o ginásio, concluindo essa etapa escolar em 1928. Após a conclusão do ginásio Elpídio encontrou-se apto para exercer o magistério e ingressar no ensino superior. Atuou no magistério na região Norte do Estado de Santa Catarina e entre 1931 e 1934 foi inspetor escolar. Elpídio matriculou-se na Faculdade de Direito de Santa Catarina, onde, em 1938 obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Dedicado às atividades educacionais o professor Elpídio ocupou cargos variados dentro de instituições de ensino e legislativas. Foi professor,

diretor de grupos escolares, deputado na Assembleia Estadual de Santa Catarina pelo Partido Social democrático - PSD - entre 1951 e 1955 (Oliveira, 2015).

Figura 2 -  
Elpídio Barbosa (1909-1966).



Em 1935 o interventor Aristiliano Ramos o convidou para ocupar o cargo de subdiretor técnico no Departamento de Educação do Estado. Neste cargo ficou até o ano de 1940. Foi um dos mentores da Lei Orgânica do Ensino Primário do Estado de Santa Catarina, implantada pelo decreto estadual n. 298, de 13 de novembro de 1946, que referendou as normas da Lei Federal do Ensino Primário, reestruturando o ensino primário catarinense nos moldes da Escola Nova. No governo de Celso Ramos, em 1963, foi nomeado secretário de Estado da Educação e Cultura (Fiori, 1991; Piazza, 1985).

Elpídio Barbosa atuou também como professor no Colégio Coração de Jesus e na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina. Foi professor na Faculdade de Ciências Econômicas, onde exerceu a chefia do Departamento de Ciências Jurídicas. Além disso integrou o quadro associativo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Sua contribuição ao ensino catarinense se faz presente na estruturação da fundação da Universidade de Santa Catarina. Com o advento da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - Udesc -, resultado de estudos do Conselho Estadual de Educação, que presidia, aprovada pelo decreto n. 2.802, de 20 de maio de 1965, implantou-a e foi o seu primeiro dirigente e ali, estava como reitor interino, ao falecer no mês de outubro de 1966.

Segundos os estudos de Gentil (2013, p. 14) sua trajetória de vida conflui com inúmeras “transformações do Estado brasileiro e o seu sistema de ensino, entre eles alguns marcos educacionais locais e outros nacionais, algumas continuidades e outras

rupturas.” Seu acervo é composto, sobretudo, por documentos que demonstram essas transformações na educação, sua busca em manter-se informado e implantar no Estado esses novos caminhos da educação.

Assim, contextualizar Elpídio Barbosa, a partir de traços de uma biografia, ajuda entender as características do período em que nosso sujeito vivenciou suas experiências e fornece vestígios significativos que auxiliam pesquisadores em seus estudos sobre a educação catarinense e as memórias que dela se tem. Sua atuação foi, assim, marcada por suas atuações como professor, político e educador que atuou de forma ativa no delineamento e configuração de projetos educacionais em Santa Catarina, desde a década de 1940 e disso decorre a importância desse acervo para a História da Educação em Santa Catarina e no Brasil.

### **O acervo do professor Elpídio: do manuscrito ao digital**

A arte de guardar que compõe a essência da existência dos arquivos torna-se necessária no intuito de não apenas preservar memórias, mas também de servir de documentos à produção historiográfica. Analisando esse processo de preservação, tanto da cultura material, quanto da imaterial, o historiador François Hartog (2006) denominou a salvaguarda como um dever de memória caracterizado pelo seu início mais crescente nos anos 1980. Esse dever de memória mostra-se presente em muitos campos, incluindo a proliferação de arquivos. No caso em destaque, o arquivo do professor Elpídio cumpriu esta relação e por sua composição documental anunciou inúmeras possibilidades de pesquisa que, certamente, alargarão os horizontes de expectativa para a História da Educação.

Depositado no Instituto de Documentação e Investigação de Ciências Humanas - IDCH/Udesc - é composto por um fundo documental de cerca de duzentas peças entre revistas pedagógicas, catálogos e cadernos com anotações manuscritas, recortes de jornais e colagens contendo cópias de leis, atas de reunião e fotografias escolares que se encontram coladas em seus cadernos, automeados como *tomos*, todos relativos à sua atuação na educação em Santa Catarina, entre 1935 e 1966.

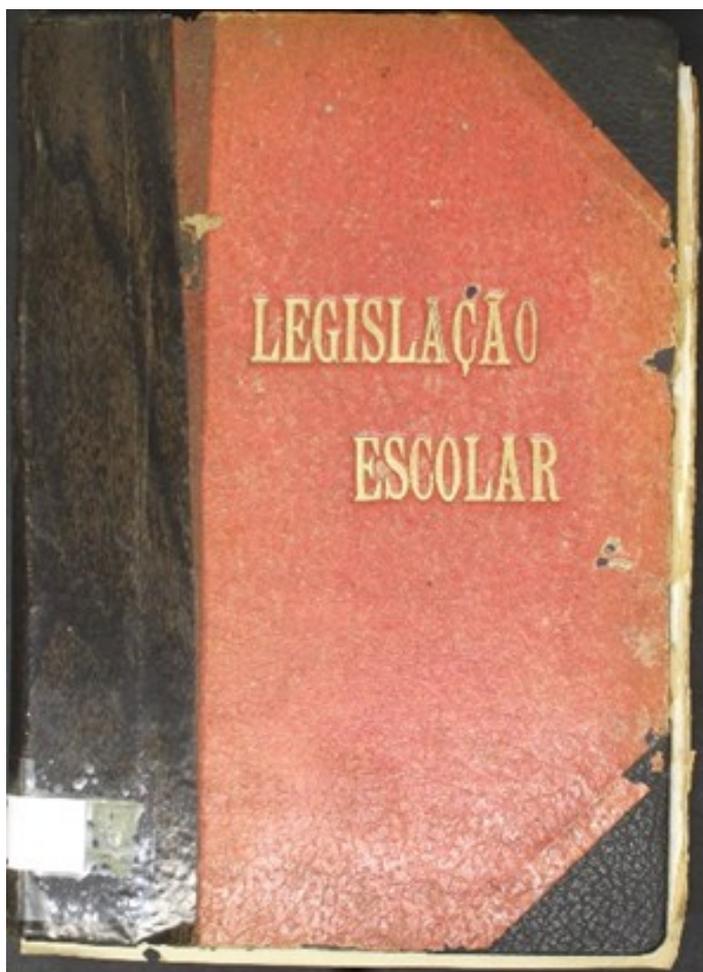
Mais focado em seu lado profissional, este arquivo constitui-se como um importante aporte documental que se mostra capaz de evidenciar significativas concepções sobre o universo social e cultural em que esse sujeito histórico esteve inserido, sinalizando também às redes de sociabilidade estabelecidas em seu tempo. Neste estudo pretende-se abordar o protagonista não só como intelectual criador, mas principalmente sua atuação como intelectual mediador (Pécaut, 1990), prioritariamente composto por divulgadores, editores, professores, jornalistas, etc, e guardadores muito frequentemente considerados menores ou ordinários pela qualidade de sua produção, pelas mídias utilizadas e pelo público alvo privilegiado, ou seja, um educador/intelectual mediador recentemente estudado por historiadoras (Gomes; Hansen, 2016) que o caracterizam como aquele “cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém nem sempre o reconhecimento” (p. 9).

O arquivo do professor Elpídio Barbosa chegou ao IDCH em velhas caixas que, aos poucos, foram higienizadas e catalogadas por espécie. Seu escopo é composto por obras relacionadas com sua carreira profissional cuja temática gira em torno legislação escolar e de artigos variados sobre educação. Ressalta-se que os livros são em número reduzido,

cerca de trinta. O acervo é composto, majoritariamente, por documentos legislativos, impressos educacionais, cadernos com colagens - os *tomos* - que somam, aproximadamente, 200 peças. Merece menção especial a forma como Elpídio Barbosa organizava seu material de consulta: leis e artigos colados em grandes cadernos com capa dura que passamos a denominar de *tomos*. Sua preocupação em coletar recortes e leis publicadas, em sua maioria, no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, permite conjecturar sobre sua observância à legislação vigente, prática certamente facilitadora para seus encargos de inspetor escolar.

Figura 3 -

Tomo de documentos legislativos do acervo do professor Elpídio Barbosa.



Fonte: Acervo de Elpídio Barbosa, 1949.

Materializado em papel e tinta - fotos, recortes de jornais e anotações diversas - o acervo pessoal de Elpídio Barbosa eterniza idéias, saberes, valores, acontecimentos relacionados à educação escolarizada em Santa Catarina. São testemunhos de outro tempo que, se interpretados, produzirão sentidos ao passado no tempo presente. Segundo Ariane Ducrot (1998), que estuda os arquivos pessoais e familiares,

os documentos não devem ser tratados isoladamente segundo um quadro metódico, e sim ficar agrupados em seus fundos de origem, sendo o fundo o conjunto de arquivos que provêm de uma mesma entidade - repartição, órgão público, pessoa, família, empresa etc. (p. 151)

Nesse texto preocupa-se com a descrição de materiais que poderão oferecer variadas possibilidades de pesquisas, algumas já realizadas e outras em andamento. O intuito é destacar sua constituição e apontar para suas variadas possibilidades de uso. Em função de intervenções já realizadas no arquivo serão apresentadas as revistas do acervo e, dos tomos, foram selecionados os registros ditos pessoais substantivados pelos registros escritos e fotográficos de suas viagens como inspetor escolar, as comemorações a ele dirigidas e mesmo orquestradas por si ou seus colaboradores e abordadas, em geral, como formas de construção de si que caracterizam testemunhos de um tempo e parecem apontar para formas de construir estratégias de legitimação ao seu nome e trabalho e, no limite, forjar uma glória pela sua atuação profissional e pessoal

Ao buscar estabelecer uma relação entre o arquivo produzido e a memória que se pretende transmitir parece conveniente utilizar a conceituação do historiador Laurent Vidal (2007), quando se refere aos arquivos pessoais:

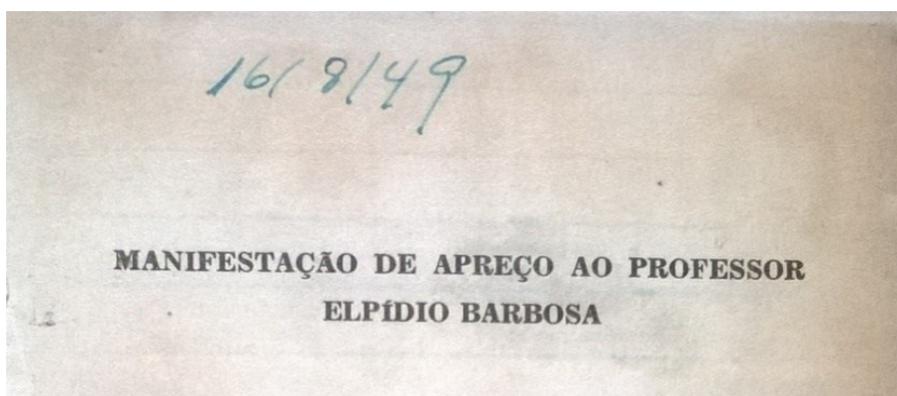
Este termo poderia ser definido como o conjunto dos documentos produzidos ou/e pertencentes a uma pessoa, um indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica. Temos que distinguir os acervos pessoais dos arquivos privados, que podem relevar uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que supõem, geralmente, uma transmissão entre várias gerações. O alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constituiu. [...] A leitura destes acervos pessoais remete o historiador ao nível microsocial. Sua leitura nos permite ter um acesso privilegiado à sensibilidade de um período, para entender de forma mais aguda como se articula uma vida pessoal com os acontecimentos mais gerais, como um indivíduo reage, antecipa ou encontra um descaminho para escapar de uma realidade difícil. A partir daí, é a compreensão da articulação entre os níveis micro e macro que está em jogo, entre o singular e o geral. (Vidal, 2007, p. 6)

Reside, aqui, a importância de problematizar o lugar desses arquivos pessoais no campo específico da História porque segundo os estudos de Heymann (2013), o interesse por eles, no início dos anos 1990, deveu-se a um novo estatuto teórico aos arquivos como metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder e como construção política que orienta a lembrança e o esquecimento.

O levantamento do corpus documental do acervo Elpídio Barbosa, primeiro passo problematizador desta pesquisa, foi fundamental para a análise da materialidade e conteúdo de cada um dos *tomos*, sempre procurando relacioná-los com o momento profissional em que o educador que os produziu estava inserido. Sobre os temas educacionais, por exemplo, foi interessante observar como o professor mantinha, nos *tomos*, uma organização dos assuntos por ordem cronológica e linear das publicações, produzindo inclusive índices muito bem elaborados para guiar as consultas, principalmente as de cunho legislativo,

Entre uma página ou outra é possível encontrar registros de trajetórias e experiências outras, dadas a ver por meio de fotografias, correspondências e notícias de jornal, pequenas marginálias presentes em recortes pessoais cuidadosamente selecionados, que denotava sua rede de sociabilidades e uma espécie de preocupação com a construção de sua imagem como homem público. São muitos os recortes de notícias que tratam da repercussão pública de seus discursos e também mensagens e cartas de manifestações e elogios de seus correligionários que, analisados, poderão iluminar um tempo e, principalmente maneiras de auto construir-se. Tais recortes sobre si privilegiam a sua atuação profissional e pouco abordavam sua vida pessoal.

Figura 4 -  
Documento guardado do *tomo* de 1949.



Fonte: Acervo de Elpídio Barbosa, 1949.

### **As revistas EBSA no acervo de Elpídio Barbosa**

Sessenta e cinco exemplares da Revista EBSA, da Editora do Brasil, entre 1953 e 1964, compõem o acervo do professor Elpídio Barbosa. A Editora do Brasil S/A foi fundada em 1943 por iniciativa do dr. Carlos Costa que, junto com autores de livros didáticos e um funcionário da Companhia Editora Nacional, teve por objetivo editar e promover obras didáticas. Visando a aumentar a divulgação e popularidade da editora foi criada, em 1947, a *Revista da Editora do Brasil S/A - Revista EBSA* - uma revista mensal gratuita que possuía como foco informar professores, sobretudo do ensino médio, acerca de notícias sobre a educação. Como mostra o estudo já realizado por Braghini (2012),

o periódico seria considerado um arquivo prático de informações, úteis ao dia a dia do professor. Por ser um “documentário”, produzia o seu próprio conteúdo, mas também transcrevia as informações de outros documentos. A disposição da base material de EBSA tinha por objetivo permitir aos leitores uma consulta rápida às informações do mês. [...] Os seus editores compilavam artigos, leis, atas de comissões de ensino etc., tudo o que consideravam importante em matéria educacional, de forma a dotar os profissionais da Educação de diversas informações sobre o funcionamento do campo de trabalho. Passou à História da Educação como um arquivo de fontes produzidas por vários órgãos e grupos no Brasil, principalmente grupos de comunicação em massa, instituições e pessoas vinculadas aos governos, preferencialmente o federal. (p. 65)

Em 1990 a *Revista EBSA* saiu de circulação. Segundo nota da editora essa decisão foi tomada devido ao crescente uso da internet que suprimia a função característica de informativo da revista. Os cinquenta e oito exemplares da *revista EBSA* que fazem parte do acervo demonstram a importância e a fidelidade que a revista atingiu, sendo objeto de uso de um homem tão envolvido e ligado à educação como Elpídio. A coleção encontrada neste arquivo pessoal inicia-se na revista correspondente ao mês novembro de 1953 e seu último exemplar data de julho de 1964. Ao analisar estes exemplares se pode registrar a estrutura da revista pela permanência de suas colunas de assuntos específicos:

Crônicas do mês: é o editorial da *Revista EBSA*. Apresenta a opinião dos editores da revista sobre os assuntos que seriam tratados naquela publicação.

Legislação: local de publicação de decretos, leis, portarias, circulares e pareceres.

Súmulas e destaques: resumo sobre acontecimentos importante do mês.

Várias: essa seção trata de sugestões e uso de novas ferramentas didáticas, anúncio de leis em tramitação e aprovação de novas leis;

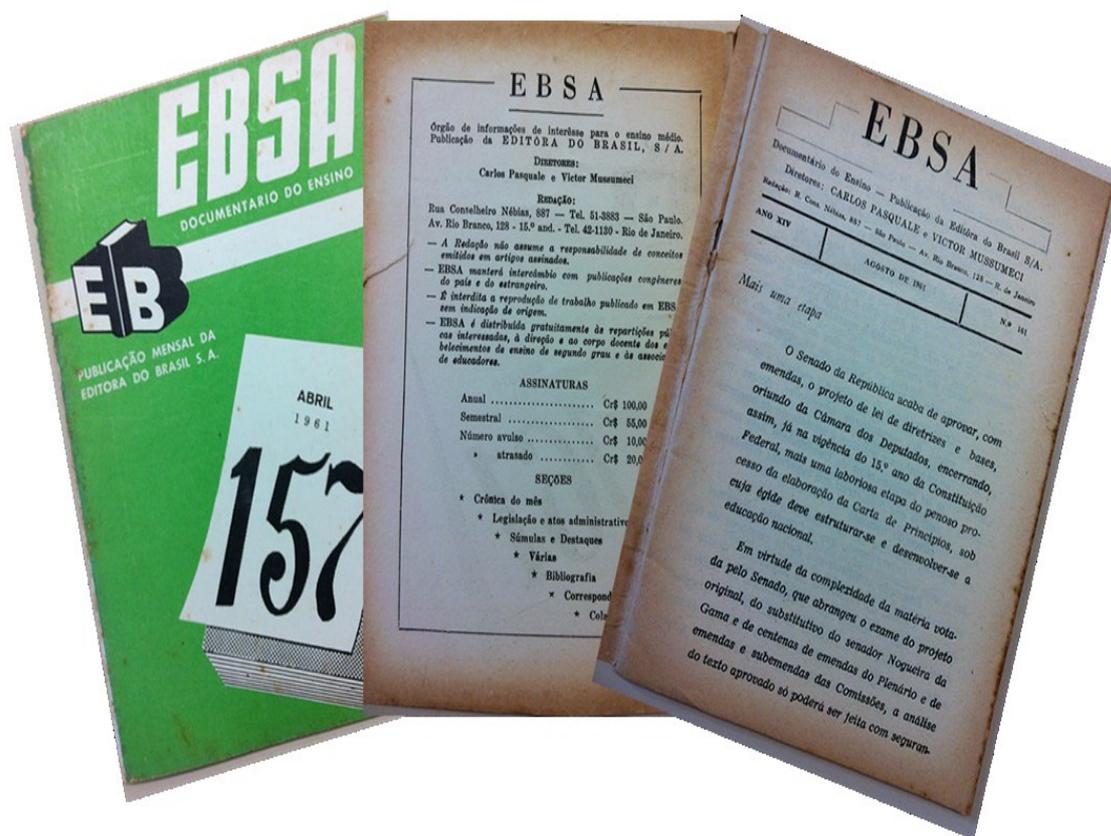
Colaboração: artigos variados assinados por especialista da área de educação.

Opinião do mês: essa seção passou a ter mais relevância a partir de 1961 e apresentava e expressava a opinião de especialistas, educadores e assinantes sobre diversos assuntos do universo escolar.

A *Revista EBSA* constitui-se como um importante guia, em seu período de publicação, sobre os rumos da educação no país. Seus números, notadamente estes guardados entre 1953 e 1964 pelo professor catarinense Elpídio Barbosa, anunciam as legislações, leis e mudanças governamentais na educação brasileira, mas também contribuem para reconhecer os temas e assuntos que mobilizavam os professores relacionados as várias esferas da educação.

Nessa perspectiva a presença de exemplares da revista no acervo de Elpídio Barbosa carrega consigo possibilidades futuras para reflexões sobre a forma como este buscava informar-se acerca das diversas mudanças que ocorreram em seu período. De igual maneira, a *Revista EBSA*, como um impresso educacional (Bastos, 1997) pode trazer aos nossos dias novas facetas de um sistema educacional que apresentava dificuldades e desafios distintos dos nossos, sendo, portanto, uma fonte importante para novas pesquisas, notadamente as que se relacionam com o ensino médio no Brasil. Resenhas e indicações de livros editados, entrevistas com educadores renomados, como Lauro de Oliveira Lima, e historiadores como Victor Mussumeci eram presenças constantes nas páginas da *EBSA*, o que leva a considerar ser o periódico uma trincheira de ideias que alimentavam sua atuação profissional.

Figura 5 -  
Revista EBSA do acervo de Elpídio Barbosa.



Fonte: Acervo de Elpídio Barbosa.

### No acervo registros e imagens de visitas às escolas e comemorações

Outro material presente no arquivo pessoal de Elpídio Barbosa são as fotografias geometricamente coladas, em geral, nas contracapas dos *tomos* mencionados, em que se pode inferir uma análise da construção de si, posto que as imagens foram selecionadas e dispostas nos tais *tomos* pelas próprias mãos de Elpídio Barbosa visando, possivelmente, a posterior salvaguarda desse material.

Estudos iniciais permitem perceber a recorrência dos registros visuais relativas às suas visitas, quando era inspetor escolar na década de 1930/40, às escolas tanto em Florianópolis, quanto no interior do Estado, mas também fotografias de festas em comemoração ao seu aniversário no dia 2 de setembro, fatos que auxiliam corroborando o argumento inicial anunciado sobre diferentes formas de construção de si.

Além disso a própria constituição imagética e fotográfica é de inferir problemáticas, uma vez que as poses e os flagrantes registrados (Mauad, 2008) propiciam pensar em ressonâncias das muitas das questões que permeavam o período como, por exemplo, a representação hierárquica na fotografia, com o protagonista sempre em primeiro plano, o que instaurava uma ordem, a presença de equipes diretivas das escolas visitadas que anunciavam consonância, apoio e obediência ao projeto educacional associado aos

pressupostos da Escola Nova. As fotografias anunciam este momento de inserção pelas visitas e processos de legitimação pessoal pela construção de si e pela incidência de comemorações de cunho pessoal.

Figura 6 -

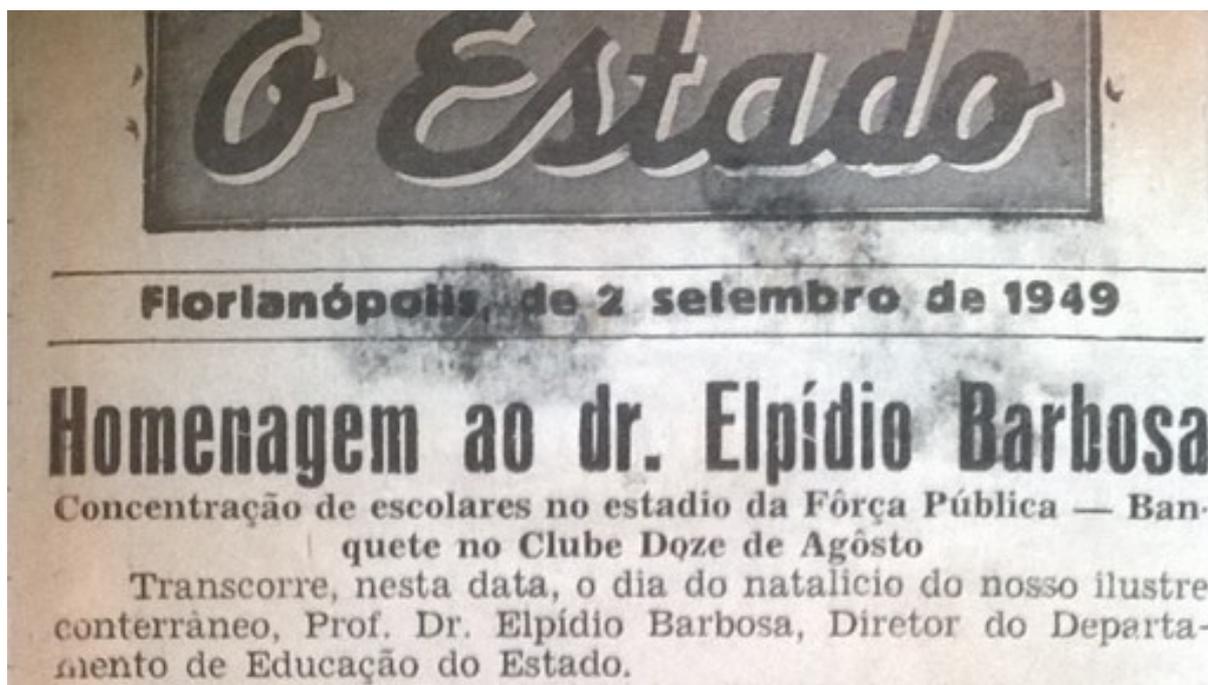
Elpídio Barbosa em visita à Escola Normal de Florianópolis dirigida pela professora Antonieta de Barros, de branco ao seu lado - tomo de 1949.



Fonte: Acervo de Elpídio Barbosa, 1949.

Figura 7 -

Notícia sobre homenagem a Elpídio Barbosa em seu aniversário, tomo de 1949.



Fonte: Acervo de Elpídio Barbosa, 1949.

#### **Pelo arquivo: possibilidades**

A pesquisa nesse arquivo pessoal, depositado no IDCH, continua, pois, as informações são muitas e os caminhos para realiza-la são infundáveis. Refazer os passos dessa trajetória é uma atividade hermenêutica construída a partir da observação, interrogação, interpretação e comparação desses registros aparentemente aleatórios procurando sempre dar-lhe um sentido que parte de uma intenção verossimilhante.

Na qualidade de um mediador de saberes, o professor Elpídio Barbosa registrou e perenizou, pela guarda e pela escrita nas páginas desse conjunto de *tomos*, fotografias, anotações diversas, suas inquietações, experiências, conhecimentos, intercâmbios culturais e vestígios de suas relações sociais que podem subsidiar futuras investigações por parte dos historiadores da educação. Cabe ao historiador a tarefa de se debruçar sobre essa fonte privilegiada, definir o campo historiográfico que pretende abordar e considerando a dimensão subjetiva dessa documentação, suscitar o debate das relações entre história e memória. Ao estabelecer um sistema teórico-metodológico de crítica dos documentos a historiadora Ângela de Castro Gomes considera que os arquivos pessoais se apresentam como objeto de estudo com múltiplas possibilidades de investigação e interpretação, reafirmando que sua inquirição de forma isolada não tem a pretensão de revelar a reconstrução do passado e sim indagá-lo a partir do olhar de quem registrou:

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela “sua verdade”. [...] o que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata

de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu, experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. (Gomes, 2004, p. 14)

Por outro lado a questão consiste em saber que uma memória, ainda que produzida individualmente, é uma representação e está repleta do pensamento social que envolve o sujeito. A própria afirmação recorrente de que a trajetória individual se transforma ao longo do tempo remete ao fato de que estamos muito bem afinados com o universo social que nos cerca. Os atrativos ou elementos das lembranças pessoais, que parecem pertencer exclusivamente àquele que as produziu, podem estar contidos nos meios sociais como parte de uma construção coletiva: “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 50). Cabe ainda situar, conforme reflexão de Maurice Halbwachs (1990), que a aventura pessoal da memória, embora proveniente de experiências individuais, também é resultado de mudanças produzidas pelas interações e relações estabelecidas com os grupos e espaços de sociabilidade nos quais o sujeito se insere. Essa combinação entre a memória individual e a memória coletiva evidenciam múltiplas experiências do tempo.

A ampliação do interesse historiográfico por acervos pessoais, e mais especificamente sobre as chamadas escritas ordinárias, tem se tornado crescente. Seu uso representa uma mudança significativa na construção de uma história da escola e um marco que revolucionou as práticas pedagógicas. Segundo Antônio Castilho Gomez (2012) novos eixos de produção científica tem se delineado em torno desse material: além de estudá-los como dispositivos pedagógicos pesquisadores tem se dedicado a estudar sua relação com a cultura e cotidiano da escola; sua materialidade e dimensão gráfica e textual, como forma de observar como os produtores de conteúdo se relacionam com cultura escrita; além de perceber características que vão além da produção individual e mediação, pois, segundo este autor a instrumentação política da escola e as relações de poder por ela sofrida, em que se destacam os distintos enfoques, considera “esses escritos como fontes para analisar as representações do imaginário político e social inscritos neles” (p. 68).

Conclui-se, portanto, que o estudo de arquivos pessoais traz implícitos vestígios das dimensões temporais e históricas projetadas pelo passado, que demonstram o dinamismo e a amplitude dos interesses humanos, frequentemente alterados com o passar do tempo. É papel do historiador construir o objeto histórico a partir desse passado deduzido, demarcando-o historicamente pelo uso de procedimentos metodológicos, próprios de seu ofício, cujos critérios serão responsáveis por dotá-lo de uma “validade universal” (Chartier, 2009, p. 16). Os embates presentes entre o momento de doação e a triagem institucional são aqui tomados como parte de um processo de patrimonialização que inclui a consolidação de uma memória. Busca-se, finalmente, mostrar que a dimensão de memória de um tempo pode ser forjada por variadas perguntas que o objeto suscita ao historiador em cada situação em que é utilizado.

A reflexão sobre este educador/professor e inspetor que, em determinado período de sua vida, resolveu constituir e guardar *tomos* com diversos recortes para uso em sua vida profissional, permite considerar tais papéis/documentos como importantes na estrutura de seu pensamento educacional. De igual maneira o fato de guardar, registrar e arquivar sua vida permitiu ao historiador do tempo presente o acesso a determinadas temporalidades que podem dizer sobre o próprio presente pela relação entre passado e presente e os usos que este passado adquiriram na atualidade. Segundo Koselleck (2014), observar os acontecimentos pelas suas camadas, seus estratos de tempo ou estratos de experiências que permanecem ou se modificam em velocidades próprias permite ao historiador se perguntar “quanto de passado tem no nosso presente”. Ainda que estes documentos tenham poder de veto é possível, com base neles, fazer uma série de apontamentos e interpretações sobre modos de se portar, de ver e lembrar como era a vida de pessoas em outros tempos. Podemos visualizar projetos sendo postos em prática, pessoas, culturas políticas do período.

Entre recortes, fotografias de visitas escolares e registros de comemorações pessoais o arquivo pessoal deixado por Elpídio Barbosa, e aqui apenas entrevisto numa pequena parcela, autoriza a refletir sobre tempo, história e acontecimento e pode, enfim, atestar a existência de um passado que caracteriza e reverbera, hoje, a experiência no tempo. São, enfim, testemunhos de um mundo desfeito cujas evidências deixadas pelos documentos do arquivo podem contribuir para reconhecer parte de nossa estrutura educativa.

### Referências

- ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.
- BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 47-76.
- BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo. Ateliê, 2003.
- BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Revista da Editora do Brasil S/A - EBSA (1946-1960): periódico educacional pioneiro no gênero. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2012, p. 63-76.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 11, n. 21, 1998, p.43-58.
- CASTILLO GOMÉZ, Antônio. (2012) Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2012, p. 66-72.

- CHARTIER, Roger. *A história e a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Do traçado manual ao registro digital: o acervo pessoal e profissional do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): dimensões e possibilidades. Florianópolis: Udesc, 2014. (Projeto de pesquisa).
- CUNHA, Maria Teresa Santos; SOUZA, Flávia Freitas de. *Viver e escrever: cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (século xx)*. Florianópolis: Insular, 2015.
- DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998, p. 151-167.
- FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: USP, 2009.
- FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.
- GENTIL, Flávio Welker Merola. *Conteúdo do 2º tomo: entre memórias e experiências de Elpídio Barbosa na inspeção escolar (Santa Catarina 1930-1940)*. Florianópolis: Udesc, 2013. 75f. Trabalho de conclusão de curso (História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis. Disponível em <<http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000019/000019ad.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2016.
- GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos (orgs). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GRASSI, Pâmela Cervelin. (2016). Quando nos despedimos, já estava com saudades dele: as relações amorosas nos recônditos femininos (1946-1952). Florianópolis: Udesc, 2016. 146f. Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação de História. Universidade do Estado de Santa Catarina.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2006, p. 261-273.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Jöelle; HEYMANN, Luciana (org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p. 67-76.
- HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n 2, 2009, p. 40-57.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p.45-56.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUCRJ, 2014.
- MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói. UFF, 2008.

OLIVEIRA JÚNIOR, Joeci. (2016) Um educador-deputado: a atuação do professor Elpídio Barbosa na Assembléia Legislativa de Santa Catarina (1951-1955). Florianópolis: Udesc, 2016. 85f. Monografia (trabalho de conclusão do curso de História). Departamento de História, Universidade do Estado de Santa Catarina.

PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 211-263.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, v. 11, n. 21, p. 35-42.

ROUSSO, Henry (2016). *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

VIDAL, Laurent. (2007) *Acervos pessoais e memória coletiva: alguns elementos de reflexão*. Campinas: Cedap, v. 3, n. 1, 2007, p. 3-13.

MARIA TERESA SANTOS CUNHA é professora no Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

Endereço: Rua Professor Marcos Cardoso Filho, 108 - 88037-040 - Florianópolis - SC - Brasil.

E-mail: [mariatsc@gmail.com](mailto:mariatsc@gmail.com).

Recebido em 4 de agosto de 2016

Aceito em 17 de novembro de 2016.